

*Na atualidade, os gêneros vão sofrendo transformações – gêneros híbridos – porque, segundo Todorov (2003), são dinâmicos, relacionam-se uns aos outros, transformações motivadas pela tecnologia moderna: cartas, os manuscritos, as citações, por exemplo. Centra o gênero em sua estrutura básica: a produção, recepção, o texto e o contexto apresentados em cada enunciado.*

**Lucy Ferreira Azevedo  
Rosa Maria Gonçalves Brito  
Ana Cirlene Ferreira de Faria  
Cíntia Sueli Brito Lopes**

# Diversidade poética e identitária de diferentes Brasis em Mato Grosso: alfabetização e autobiografia

## *Poetic diversity and identity of different Brazils in Mato Grosso: literacy and autobiography*

LUCY FERREIRA AZEVEDO\*

ROSA MARIA GONÇALVES BRITO\*\*

ANA CIRLENE FERREIRA DE FARIA\*\*\*

CÍNTIA SUELI BRITO LOPES\*\*\*\*

### Resumo

O estudo é uma reflexão sobre a autobiografia como gênero e manifestação social e cultural, por meio de leitura interpretativa, além de mostrar de que forma as marcas poéticas aparecem nas narrativas identitárias de cada indivíduo - alunos da EJA em cidades onde o SESI desenvolveu salas para alfabetizar os trabalhadores das empresas preocupadas com seu papel social e solidário. O trabalho tem como base estudos de teóricos sobre Literatura e Língua, realizados pelos grupos de professores. Assim, uma pesquisa bibliográfica, para que a autobiografia ultrapassasse o simples registro de dados e, com muita sensibilização, fosse um voo livre para aqueles que começavam a escrever e ler. O grupo de professores, com base predominante de pedagogos, precisou desenvolver estudo de autores como Aristóteles e outros estudiosos tanto de Filosofia quanto de Literatura e Teoria da Literatura para fundamentar e motivar os trabalhos. Nasceram, então, narrativas fundadas na “escrita do eu” com textos típicos que postulam uma

\* Doutorado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Professora do Mestrado em Ensino da Universidade de Cuiabá, Mato Grosso; E-mail: lucyfazevedo@gmail.com

\*\* Mestrado em Educação pela Universidade de Cuiabá, Mato Grosso; E-mail: rosa.brito@sesimt.com.br

\*\*\* Especialista em Educação; Coordenadora Regional de Educação Básica do Serviço Social da Indústria/Mato Grosso (SESI/MT); E-mail: acirlenef@gmail.com

\*\*\*\* Especialista em Educação; Coordenadora Regional de Educação Básica, Continuada e Cultura do SESI/MT; E-mail: cintia.silva.edu@gmail.com

verdade particular no geral, possível na arte da poesia. A liberdade criadora foi uma simbiose realidade/ficção com traços de diferentes Brasis em Mato Grosso, resultado da busca da poesia do homem brasileiro por melhores condições de vida.

**Palavras-chave:** Autobiografia. Poesia. Identidade.

## Abstract

The study is a reflection on the autobiography as genre and social and cultural manifestation, through interpretative reading, in addition to showing how the poetic marks appear in the identity narratives of each individual EJA alumni in cities where SESI developed rooms for literacy workers of companies concerned with your social and supportive role. The work is based on theoretical studies on literature and language, carried out by groups of teachers. Thus, a literature search, to which the autobiography to exceed the simple data record and, with a lot of awareness, was a free flight for those just starting to write and read. The Group of teachers, based predominantly pedagogues, needed to develop study of authors such as Aristotle and other scholars both in philosophy as of literature and literary theory to support and motivate the work. Were born, then, narratives based on "write me" with typical texts that postulate a particular truth in General, possible in the art of poetry. Freedom breeder was a symbiosis reality/fiction with traces of different Brazils in Mato Grosso, the search result of poetry of Brazilian man for better living conditions.

**Keywords:** Autobiography. Poetry. Identity.

## Introdução

O projeto Memórias da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do SESI/MT: discursos em múltiplas linguagens nasceu do interesse genuíno em registrar as memórias dos alunos da EJA do SESI-MT, oriundos de diferentes regiões do Brasil, descrevendo sua vivência, integração e adaptação no estado do Mato Grosso. Muita coragem evidenciada nos desafios enfrentados por homens e mulheres vindos de regiões distintas, em busca de melhores condições de vida. Vivências em autobiografias.

Esses cidadãos são para nós, cuiabanos, os "paus-rodados" que se encontram em uma sala de aula da EJA, formando um grande mosaico cultural de perfis e trajetória diferentes. Em comum, têm o sonho de concluir a escolaridade abandonada na infância.

Como se sabe, concluir os estudos para o aluno adulto não é tarefa fácil em função do cansaço de um dia de trabalho e das prioridades que nem sempre são frutos de escolhas conscientes. Por isso, as turmas da EJA convivem com o desafiador problema da evasão.

Na tentativa de solução para essa questão, apostamos nos incentivos de permanência. Inicialmente com premiações aos alunos que tivessem maior frequência. No entanto, com o tempo, por melhor que fosse o incentivo, não garantia a motivação para prosseguir na busca do sonho e atribuir sentido por estar ali.

Surgiu, então, mais um momento muito apreciado pelos alunos que foi o da “roda de conversas”, quando conseguiam perceber-se, identificar-se pelas histórias de vida. Na teoria freiriana, encontro com o outro. Estava aí um sentido! A vida foi compartilhada. Estavam ali mais que companheiros na trilha rumo a outro lugar no mundo dialogicamente diverso.

O desenvolvimento do projeto Memórias da Educação de Jovens e Adultos do SESI/MT fortaleceu a marca do trabalho de qualidade desenvolvido pelo SESI/MT há mais de 20 anos.

Conhecer a diversidade de culturas dos nossos trabalhadores da indústria possibilitou, além do compartilhar de valores, um trabalho contextualizado, que levou em conta os aspectos significativos do nosso público alvo. E serviu também como subsídio de boas práticas para todos aqueles que sabiam que em educação temos que reinventar cotidianamente.

Por meio dessa integração, a paixão é a sua legítima expressão. O amearhar os tempos vividos é o que constitui a memória, que é irreversível e, ao mesmo tempo, presente e futuro do implícito cultural de cada um. (AZEVEDO, 2006, p. 119)

Identidade foi entendida (foi apropriada) neste trabalho como princípio ontológico fundamental, porque sedia a noção de um eu que se constrói no cultural, no político, no histórico social e principalmente, no afeto.

Por fim, foi publicado o livro Memórias do EJA, uma antologia de autobiografias dos trabalhadores que passaram pelo projeto de Alfabetização desenvolvido nas empresas do Estado de Mato Grosso.

Durante o desenvolver do sonho de alfabetizar, dar asas aos adultos que não passaram regularmente pela escola, pensou-se em culminar com uma tarefa relevante para eles e também para a comunidade a que pertenciam. Então, uma coletânea de autobiografias poderia ser o espelho de duas faces: o retrato da pessoa/o trabalhador e o reflexo de seus sentimentos, agora libertos da clausura que significa não saber ler e escrever e ter limitações diante dos desafios sógnicos que o mundo propõe e o letramento que traziam. Letramento como se fosse barreira, porque não permitia o diálogo com a atualidade.

Os Professores, Pedagogos do SESI, igualmente todos os envolvidos no processo, motivaram-se no sentido de entender a autobiografia como gênero e a discutir o limite tênue entre Literatura e uma recuperação histórica, ou seja, o que se pensou ser um relato apenas que necessitava da memória de vida de cada um. Aconteceu, então, o embate entre o relato histórico, ficção e/ou a poesia, porque já se tinha conhecimento dos estudos de Lejeune (1971) que focou a narrativa e, agora, o grupo de professores

queria vivenciar com muita intensidade o texto poético na autobiografia.

Iniciou-se a discussão com a explicação de Foucault (2001b) sobre Literatura que, para ele, é um enlouquecimento daquele que se expõe a ser decifrado exatamente conforme sua expressão, é um transgressor. Recusa-se a submeter-se ao já feito, ao já escrito, às regras impostas pela língua. Cria, então, sua supra-realidade, porque, nos padrões da modernidade, o relacionamento tecido entre o vazio e a linguagem; o limite e a transgressão e a loucura e a sexualidade conduziram o limite ao ilimitado. O homem pode, portanto, partir do vazio e começar a inventar. O vazio, ou seja, “a morte é, sem dúvida, o mais essencial dos acidentes da linguagem (seu limite e centro)” (FOUCAULT, 2001b, p. 49); e, a partir do discurso sobre Deus que o Ocidente sustentou por tanto tempo, aparece a experiência singular: a da transgressão (FOUCAULT, 2001a)

Com as redações em mãos, a pesquisa sobre a autobiografia como gênero literário precisava ser desenvolvida, pois surgiam perguntas, várias vezes levantadas pelos alunos e professores, sobre a coincidência entre autor, narrador e personagem. Tinha-se, assim, o novelo no qual se precisou encontrar a ponta da linha - os bons textos seriam boa Literatura?

Este tema, já discutido entre vários pensadores e que agora, como uma lufada de vento, batia nos rostos e atravessava a consciência, abrindo uma enorme brecha frente à responsabilidade que a Instituição SESI-MT exige e merece de seus trabalhadores em todos os níveis, encaminhou o grupo a pensar o texto literário, pois toda a motivação dos alunos da EJA era um encaminhamento sobre a beleza do texto poético. E havia, também, a ansiedade dos professores em mostrar a diversidade de origens do povo que hoje reside no Estado.

Iniciou-se, diante de tamanha responsabilidade, com Aristóteles e seus estudos sobre poesia. O filósofo grego entendeu a poesia como recriação, pois, segundo ele, a imitação faz parte da natureza humana (*mimesis* em grego). Em seguida, o filósofo esclarece que a poesia cria o mais geral sob as espécies do mais particular. A História, nesta perspectiva, refere-se principalmente ao particular e à poesia, ao universal, afinal, as paixões são humanas. Os olhos do poeta veem o comum como singular.

Com esse suporte, começou-se no curso da EJA o que os Formalistas russos sofreram para encontrar: uma caracterização exclusiva da autobiografia. Era para eles tão difícil quanto revelar a “literariedade”. Afinal, Literatura comunga com liberdade, indefinição, muito mais que com barreiras. O que se precisou, em seguida, foi a explicação da autobiografia como gênero.

Um salto teórico leva a investigação à trajetória do termo gênero de Aristóteles a Bakhtin e Todorov (2003), chegando a Marcuschi (2002).

A literatura clássica procurou sempre identificar os textos em sua tipologia geral, em que exatamente uma tipologia de determinado gênero era diferente de outra. Assim, Aristóteles e Platão apresentaram a distinção em três formas genéricas fundamentais: Platão e Aristóteles mostraram o

lírigo, o épico e o dramático, a perspectiva do modo de enunciação, como diferenciados em sua representação da realidade. Os gêneros também, para eles, distinguem-se em relação ao conteúdo: o ditirambo, a epopeia, a tragédia e a comédia. Estudos que excluíam da literatura a realidade sociointeracional.

Em outra direção, Bakhtin (2003) pensa o gênero como tipos relativamente estáveis de enunciados elaborados e aqueles em suas diversificadas esferas sociais de uso. São eventos comunicativos, limitados pelo tema, estilo e estrutura esquemática.

Na atualidade, os gêneros vão sofrendo transformações – gêneros híbridos- porque, segundo Todorov (2003), são dinâmicos, relacionam-se uns aos outros, transformações motivadas pela tecnologia moderna: cartas, os manuscritos, as citações, por exemplo. Centra o gênero em sua estrutura básica: a produção, recepção, o texto e o contexto apresentados em cada enunciado.

Por fim, temos Marcuschi (2002, p. 20) que caracteriza os elementos principais do gênero: conteúdo temático (assunto, a mensagem transmitida); o plano composicional (estrutura formal dos textos pertencentes ao gênero); o estilo (leva em conta as questões individuais de seleção e opção: vocabulário, estruturas frasais, preferências gramaticais), fenômenos históricos profundamente atrelados à vida cultural e social. São:

*[...] modos de organização da informação que representariam as potencialidades da língua, as rotinas retóricas ou formas convencionais que o falante tem à sua disposição na língua quando quer organizar o discurso. (MARCUSCHI, 2002, p. 19).*

Marcuschi (2002) defende, ainda, que pensar em gêneros textuais não significa congelar a ação criativa. Como se entendeu anteriormente, pois Literatura é liberdade.

Depois de discutidos os pontos de interrogação teóricos e práticos daquilo que o grupo estava prestes a empreender, fomos compondo a coletânea “Memórias da Educação de Jovens e Adultos do SESI/MT: discursos em múltiplas linguagens”. Selecionamos, para tanto, trechos poéticos de autobiografias que compõem os *corpora* deste artigo. Por fim, de que maneira o grupo entenderia a identidade de cada autor e sua autobiografia. Firmamos que seria como identidade cultural por entender o sujeito em um conjunto vivo de relações sociais e patrimônios simbólicos historicamente compartilhados, com a comunhão de determinados valores entre os membros de uma sociedade. Como para a Antropologia, Identidade sempre relacionada à ideia de alteridade, ou seja, a interlocução com o outro para definir por comparação – os caracteres pelos quais um indivíduo se identifica – a fim de chegar aos meus traços- exercício de espelho.

Começamos, nestas perspectivas teóricas, nossas leituras reflexivas: poesia e identidade.

1. (Difícil Começo. AAS, Aluna da Profa. Milena L. L. Queiroz – Grupo Marques-Mirassol D´Oeste)

*[...] minha mãe estava pronta para vir nos visitar quando uma tragédia aconteceu, entraram dois assaltantes na casa onde ela trabalhava [...] quando ela foi pedir ajuda, deram um tiro certo em seu coração.*

*[...] meu pai trabalhava na roça [...]*

*[...] entraram dois assaltantes na casa onde ela (a mãe) trabalhava [...]*

Na sua narrativa, a morte da mãe, a fim de minimizar a exposição do sofrimento, é explicada com a substituição do termo morte por “um tiro certo em seu coração”. O coração pela vida. Uma parte pelo todo. Uma metonímia.

Logo adiante, explica que as crianças ficaram com a avó na roça, enquanto a mãe fora para a cidade de Cuiabá, onde aconteceu a tragédia. Sua vida, então, passa a ser roça e cidade onde ficava a escola. Traços da brasileira comum que mescla o trabalho comunitário na roça e comunitário também nas longas caminhadas no chão batido e embaixo de sol cruel até o grupo da escola.

2. (Trajetória e Respeito, ADS, Aluno da Profa. Analice Dias de Figueiredo-Barracool-Barra do Bugres)

“Conheci uma pessoa de quem estou gostando muito e ela está gostando de mim. Estamos felizes e acho que essa felicidade nunca irá acabar. Irei para Rio Verde conviver com ele [...].”

Reciprocidade com a repetição dos termos “gostando”, “feliz/felicidade”, ratificando uma situação de sinceridade e fixidez. Uma cidade com nome de esperança parece acolhê-lo com o outro. Sinais de liberdade que o bom trabalho da professora possibilitou. A partir daí, o surgimento do título Trajetória e Respeito.

Arenópolis, Rio Verde, Barra do Bugres são cidades citadas, todas em Mato Grosso. Fala de sorveteria e festas, mostras de cidadão urbano que sinaliza com um universo bem diverso da grande maioria: a roça.

3. (A falta de Infância não mata a Esperança, LM, Aluno da Profa. Marialda Jacinto Barboza-brf-Nova Mutum)

“[...] após ter conhecido o programa da EJA, [...] resgatou sua vida escolar e hoje é o maior *chef* em Gastronomia do mundo.”

Novamente o tema da liberdade mostra que não há limite para quem sonha. O aluno é cozinheiro e sonha ser *Chef* depois da faculdade de Gastronomia. Fala de seu “eu” como se fosse uma manchete de jornal, nomeia-se com uma perífrase.

Nasceu em Pernambuco e, como um menino de engenho, de José Lins do Rego, fala da crueldade sofrida na infância vivida junto à avó. Registra

nome de peixe, cavalinha, e tece uma memória de passado rural e um futuro que não situa propriamente em uma cidade. O futuro localiza-se na empresa (cozinha) e no conhecimento (escola). Sua identidade é de sonhador atemporal e com espaço determinado: a cozinha onde poderá ser artista/*Chef*.

4. (Atitude que Mudou minha Vida, JPF, Aluno da Profa. Christiane Rigo-brf-Lucas do Rio Verde)

*[...] eu não tenho muitas recordações [...]*

*[...] pois dinheiro nunca víamos e mamãe não reclamava. Seu olhar, a tristeza ficou em mim [...] Gosto muito de escrever músicas principalmente para meu Deus, pois é Nele que busco forças todos os dias. E graças a Ele descrevo um pouco de mim agora.*

De início fala de um canavial e de uma infância tão sofrida de que não se lembra ou não quer se lembrar. Por isso, centra-se no olhar da mãe para resumir toda uma vida. E, como permite poesia na escrita autobiográfica, o olhar é signo de sentimentos. Neste caso, a tristeza que é universal. Não é apenas a mãe que vê, é a situação. E, conforme entende o que é autobiografia, a impossibilidade de completude, declara que só é possível descrever “um pouco” de si “agora”.

De sentimento a sentimento, não faz registro espacial durante a trajetória mas as consequências dos fatos em sua sensibilidade. Culmina com “Hoje moro em Lucas do Rio Verde-MT” e sua principal marca identitária: a alma sensível – “Gosto muito de escrever músicas, principalmente para meu Deus [...]”

5. (Infância, JPG, Aluna da Profa. Christiane Rigo-brf-Lucas do Rio Verde)  
“Sou moleca, atrevida e brincalhona. Sou a Juliete”. A sucessão de adjetivos em gradação intensifica o perceber de si mesma: de criança, de livre até a aceitação de uma postura de vida (atrevida), a chegar à decisão de levar a vida de forma otimista (brincalhona).

“O tempo foi passando, fui crescendo com ele e devagar fui ingressando em uma nova escola: a do mundo.”

6. (Laços de amor e amadurecimento, AIS, Aluno da Profa. Fabiana Borges de Souza-LACBOM-Araputanga)

As metáforas põem em gradação o paralelo ele/mundo e culmina com mundo/escola. Inseparáveis, vida, pessoa, mundo e escola poeticamente constroem o conhecimento e o amadurecimento. Metáforas que levam a sua vida particular à vivência do homem brasileiro comum, trabalhador, sacrificado.

7. (Antigamente, NPS, Aluno da Profa. Keila Moreira Amarilha e Regina Selma Costa Matias-Usinas Itamarati, Denise)



*Agradeço a Deus por ter colocado essas professoras tão competentes na minha vida. Para mim, elas são feitas de titânio, porque fibra é pouco. [...] e ainda vêm cuidar de todos nós com a paciência de cozinhar pedras e cuidam da gente como se fôssemos seus filhos*

A comparação mãe e professora é posta positivamente pelo aluno que teve junto à família uma vida difícil e vê, agora, nas duas professoras, o desenvolvimento de uma tarefa que acredita árdua, embora “adocicada” – adjetivo de poeta, Djavan ao amor materno. Sua experiência como trabalhador lhe permite a comparação Titânio/fibra; cozinhar alimento/cozinhar pedras, substituições que demonstram muito bem que ele sabe exatamente como é difícil alfabetizar o aluno adulto e cansado após uma jornada de trabalho e, mais que isso, com a ansiedade daquele que quer, antes de tudo, recuperar um tempo que passou, mas sabe agora que é possível, ainda, reverter. Sim, vai conseguir porque agora tem “amor de mãe”.

8. (O bonito extraído do feio, JRS, Aluno da Profa. Adriana Costa Freitas. -JBS, Pedra Preta)

*Meu Deus! Eu estava junto com aquela multidão de famintos. Parecíamos animais. Revirar tripas, os buchos, os miúdos com as mãos, com os pés. Muitos caem em cima, crianças são empurradas. Brigas com os cachorros também.*

Segue a descrição do momento em que buscavam comida logo após que chegava um caminhão com os restos do matadouro. Detalhamento com orações curtas, possibilitando a leitura que acelera com o movimento das pessoas. Uma construção que lembra o movimento no romance “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo. A coesão é semântica e permite quase um painel de esforço e sangue.

## Considerações finais

O livro “O projeto Memórias da Educação de Jovens e Adultos do SESI/MT: discursos em múltiplas linguagens” foi o ápice dos trabalhos do projeto com narrativas ilustradas que complementaram o poético e o identitário de cada trabalhador.

O objetivo do Projeto foi atingido, pois motivou as salas de Alfabetização e, tão importante quanto isto, levou o grupo pedagógico a entender a autobiografia no âmbito da Literatura, da ficção e a perceber o poético que surgia em cada linha, de autores de muitas regiões brasileiras com sabor próprio, marcas identitárias.

## Referências

---

- ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
- AZEVEDO, Lucy F. Paixões em Manuel de Barros: o poema como argumento. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2006.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- FARIA, Ana Cirlene Ferreira. **Memórias da educação de jovens e adultos do SESI/MT: discursos em múltiplas linguagens**. Cuiabá: Editora Sesi-MT, 2014.
- FOUCAULT, M. Prefácio à transgressão. In: \_\_\_\_\_. **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2001a, p. 28-46.
- \_\_\_\_\_. A linguagem ao infinito. In: \_\_\_\_\_. **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2001b, p. 47-59.
- LEJEUNE, P. **L'autobiographie en France**. Paris: Armand Colin, 1971.
- MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**, 2002.
- MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002.
- TODOROV, T. **Poética da prosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.